

Entre o “nós” e o “eles”: instituição e consolidação do gauchismo em uma localidade de baixa densidade populacional no Estado do Paraná.

Progresso de investigação em curso

GT: 05 - Desenvolvimento rural, globalização e crise.

Rafael José Ramos Silva
Alfio Brandenburg

Resumo:

Nesse espaço pretendemos apresentar reflexões obtidas a partir das pesquisas em campo para realização da dissertação de mestrado em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná. Consideramos as relações estabelecidas entre tradicionalismo gaúcho e identidade local em São Luiz do Purunã (PR), em como o gauchismo foi instituído nessa localidade, como se relacionou com os modos de vida existentes, como se consolidou e quais as relações de pertencimento e não pertencimento por parte dos atores locais. Para entender essas manifestações partimos da concepção de que esses processos decorrem de atos motivados, considerando que os atores locais não realizam ações gratuitas.

Palavras-chave: tradição, identidade, localidades rurais.

1. Introdução

As considerações colocadas a seguir, nasceram das percepções notadas durante a pesquisa de campo para a elaboração da dissertação de mestrado e se referem a resistência dos níveis de identificação após o desaparecimento de vários fundamentos característicos das comunidades camponesas, ocorridos com a diversificação das práticas laborais e o fim enquanto prática laboral de parcela significativa das atividades agropecuárias.

Buscamos mostrar o espaço social composto de interesses e estratégias por parte dos agentes que efetivam uma série de ações possíveis a partir de seu *habitus*, assim como, os limites decorrentes das lutas de forças travadas entre agentes portadores de quantidades de capitais distintas e como os níveis de identificação formam aspectos que poderíamos denominar de relações estabelecidos-*outsiders*.

As observações se referem a localidade de São Luiz do Purunã (SLP) distrito do município de Balsa Nova, na região metropolitana de Curitiba no Paraná, Brasil, localidade que se tornou muito conhecida pelas festas gaúchas, chamadas rodeios¹, realizadas pelo Centro de Tradições Gaúchas (CTG), de visitação maciça principalmente na década de 1990 e atualmente – segundo o poder público nas esferas municipal, estadual e federal, e o setor privado – comporta um potencial mercado de comercialização do turismo em espaço rural.

O período analisado orbita entre as décadas de 1960 e 1980 onde as formas de identificação local passaram a ser instituídas em um centro de tradições, buscando perceber como essa instituição cobrou a legitimidade em representar a localidade, como se relacionou as práticas locais anteriores e quais as possibilidades dos atores em participar e sentirem-se pertencer ao conjunto de práticas dessa instituição.

¹ Os rodeios são eventos realizados pelos Centros de tradições gaúchas (CTGs), segundo o *Manual do Tradicionalista* de Glaucus Saraiva “são as manifestações de maior vulto do Centro” que devem ser “programados com frequência, a fim de aproximar cada vez mais peões e prendas” (1968, p. 119).

2. “Guardiões da tradição” em localidades rurais

Em muitas localidades rurais existem instituições que buscam ser reconhecidas como portadoras de um passado histórico ligado ao desenvolvimento local, no sentido de representação da cultura popular².

Ao tempo que se firmam essas instituições, tornam-se visíveis as divisões internas, segundo Caroline Kraus Luvizotto “a marginalização, discriminação daquele que não é iniciado, portanto, o outro (eles), é fundamental para fortalecer o status de “guardião”, aquele que detém o poder de transmitir a tradição e do ritual em si” (2010, p. 69).

Essa busca pela representatividade, dentro dos conceitos dados por Bourdieu, vão envolver vários campos (cultural, folclórico, político, científico) e dentro desses, outros campos, como subdivisões (campo artísticos, campo literário, campo acadêmico) nos quais agentes que possuem diferentes volumes de capitais, agem a partir de estratégias para chegarem a determinados interesses.

As chamadas manifestações tradicionais das localidades rurais podem assumir formas de representação como afirmação e valorização do próprio momento, ou como resgate e tendem a formar órgãos representantes, codificados ou não, que no conjunto de práticas idealizadas fornecem subsídio suficiente para concepção de uma identidade específica. Como as localidades não se apresentam com uma homogeneidade brutal na totalidade de seu espaço social, nem sempre são representados todos os atores, fazendo com que a legitimidade em se manter como “guardiões da tradição” coexista e alimente um jogo bastante complexo de apropriação e difusão de práticas.

Esse jogo de quem pode representar vai estar ligado aos agentes e as estratégias a qual eles adotam para a manutenção do seu poder.

Em alguns casos vai ser possível verificar a ligação de agentes que ocupam posições de dominância no interior da comunidade, cooperarem para a criação de instituições que sirvam como “guardiãs das tradições”, mas que, além disso, resguardem os seus próprios valores.

A relação dos representados em oposição aos demais, os não representados, vai apresentar diferentes linhas de transição entre um grupo e outro, assim como, os fatores de cooptação, assimilação e exclusão vão variar enormemente de realidade para realidade. Em alguns casos a assimilação de novos membros vai ser possibilitada pela simples observância de regras específicas ligadas ao comportamento do agente, em outros vai ser simplesmente impossível, onde a única possibilidade seria a obtenção de êxito em uma luta no interior do espaço social, que possibilitasse uma nova forma de representação, reconhecida tanto quanto a que a não representa.

3. Entre o “nós” e o “eles”: Instituição e consolidação do gauchismo em SLP

São Luiz do Purunã (SLP) está localizado a 50 km da capital do Paraná e atualmente pertence ao município de Balsa Nova, tem sua origem ligada a pecuária e a agricultura. O local já foi fazenda e parada das tropas³ que percorriam o caminho do Viamão e já empregou moradores na condução de animais. Como bairro rural, as profissões orbitaram por muito tempo a agricultura e pecuária. O

² É bem possível que o número dessas instituições venha crescendo, principalmente nas últimas décadas, quando ocorre uma tentativa de resgate dos “valores” do rural por agentes que não necessariamente compõem o rural, além de uma procura pelo que foi “perdido” nas cidades. Essa busca crescente pelo rural (que pode ser vista pelo aumento das atividades do turismo rural, aumento de segunda residência, entre outros), faz com que o rural encontre uma necessidade de se representar, ou seja, se faz necessário que esteja organizado enquanto espaço de reconhecimento por outros agentes, até mesmo porque isso está ligado a uma série de desdobramentos econômicos e culturais.

³ O tropeirismo consistia no transporte de mercadorias no lombo de gado, principalmente muar, além do transporte dos próprios animais, levados de um local a outro para serem vendidos ou trocados. No sul do Brasil a rota mais conhecida foi o caminho do Viamão que ligava o estado do Rio Grande do Sul até São Paulo, passando pelos estados do Paraná e Santa Catarina.

elemento étnico de ocupação foi fortemente o caboclo, sendo raros os relatos da presença de etnias estrangeiras.

No Paraná até a década de 1950 ainda era considerável o número de tropeiros que transportavam gado para o matadouro da capital, entre eles alguns eram moradores de SLP.

Para o tropeirismo essa década não é apenas um tempo de mudanças, mas um tempo de trocas e de fins, se anteriormente havia passado por mudanças significativas em sua organização, principalmente as relacionadas a percursos, composições e finalidades, nessa década ele passava a enfrentar mais diretamente sua decadência, principalmente pelo impacto do avanço em meios de transporte mais eficazes as novas lógicas capitalistas e da infraestrutura que demandavam. No entanto a imagem do tropeirismo no cenário paranaense por quase três séculos tendeu a subsistir frente aos avanços que o tornavam inviável do ponto de vista logístico.

Os tropeiros em sua maioria eram atores respeitados e portadores de altos volumes de capitais dentro de seus espaços de convívio⁴ possibilitando que ações realizadas por esses servissem como catalisadores para alavancar uma cultura de identidade que representasse seus locais de moradias, mas apenas aliadas a outros fatores teriam o êxito que tiveram em SLP e que nos atemos nesse espaço.

Até a década de 1960, SLP não contava com uma organização institucional voltada ao culto das tradições. Somente a partir de 1963 que se organiza com êxito uma instituição de representação das tradições. No entanto a instituição que obtém êxito, o gauchismo, não vem de um quadro de ações especificamente locais, mas sim um arcabouço criado e institucionalizado na década de 1940 no estado do Rio Grande do Sul⁵ e levado até SLP por iniciativa de um ator local.

A criação do CTG e do primeiro rodeio ocorre em 1963 por iniciativa de um médio produtor, tropeiro e político local. Partindo da concepção que “os agentes sociais não realizam atos gratuitos” (Bourdieu, 2008, p. 138), sendo sempre ações motivadas, a criação do CTG vai estar ligada a uma série de outros fatores de reconhecimento, aumento e manutenção de capitais.

⁴ Maria Cecilia Westphalen, nos fala que devido a posição econômica muitos tropeiros tiveram “participação na vida política e social do Sul, inclusive agraciados com dignidades e títulos do Império” (1995, p. 17).

⁵ O tradicionalismo gaúcho organizado tem início em 1947, por iniciativa de jovens estudantes do colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre no Rio Grande do Sul. A partir da discussão acerca das tradições gaúchas no âmbito do grêmio estudantil, em 1948 surge o primeiro Centro de Tradições Gaúchas do Brasil, o CTG 35, com a finalidade de preservar as tradições gaúchas a partir de uma reformulação do passado rural. Esse resgate da figura do gaúcho obedece a um caráter não oficial, o que se repete posteriormente, na afirmação popular do movimento que aparece nas palavras de Barbosa Lessa, um dos fundadores do movimento “o tradicionalismo deve ser um movimento popular, não simplesmente intelectual” (1985, p. 1983). Outro ponto é que o movimento mesmo com prioridade em valorizar um passado rural e organizado por atores que vinham de realidades rurais, era em suma urbano, nascia em uma metrópole, que mesmo provinciana a época, apresentava diferenças consideráveis do meio rural, segundo Maciel, para os criadores havia a intenção em recriar na metrópole o ambiente do galpão que conheciam da realidade rural como local de sociabilidade (1999, p. 14), ainda segundo essa autora já no início do gauchismo, se definia o que seria um dos seus principais atrativos, “a possibilidade de usar a fantasia”, já que nas práticas do gauchismo “os participantes personificam, quase que “encarnam” uma figura, criando um tempo (o passado) e um espaço (o pampa) imaginários” (1999, p. 15). Após os anos iniciais e a partir das associações culturais, dos congressos tradicionalistas e dos centros de tradições gaúchas, ocorre a criação em 1966, durante o 12º Congresso Tradicionalista Gaúcho realizado em Tramandaí (RS), do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), com a incumbência de organizar a associação de entidades tradicionalistas constituídas, segundo Rudinei Kopp, a partir de então os “CTGs deixam de ser um simples espaço de identificação e passam a requerer o domínio sobre a cultura gaúcha. Seriam os detentores do saber que caracteriza os costumes de um povo, guardiões da cultura” (2001, p. 112). Segundo Maciel “o tradicionalismo assim fundou uma “cultura de evocação”, referenciada num passado rural idealizado, glorioso e idílico mas ancorada no presente, nas necessidades dos homens atuais. A personificação do gaúcho é feita por homens do presente e, sobretudo, das cidades.” (1999, p.05), fazendo com que o gauchismo se constitua em uma “atualização do passado que pretende à autenticidade mas implica na criação e recriação onde, cada vez mais, surgem novas formas, novos termos, novos sentidos”. (1999, p. 05). Em resumo, concordamos com outros autores (Pesavento, 1993; Luvizotto, 2010; Maciel, 1999; Rocha, 2006) em classificar o gauchismo como tradição inventada para usar o termo de Eric Hobsbawm e Terence Ranger (2012).

Desde a criação do CTG o gauchismo nunca mais deixou – ao menos até os dias atuais - de ser e cobrar ser o representante da cultura local, sendo possível observar a noção de pertencimento em muitos membros da comunidade com o gauchismo.

4. A importância do tropeirismo

Quando a cultura gaúcha é criada em SLP não havia um catalisador isolado, como a migração de gaúchos do Rio Grande do Sul para SLP, ou uma tomada de atitude do poder público, ou uma ação de mercado a partir das festas, mas sim uma série de componentes que possibilitaram a implantação e sucesso dessas tradições.

O principal substrato para a cultura gaúcha em SLP foi o movimento tropeiro. Mesmo que quantitativamente fossem poucos os homens que se ocupavam do tropeirismo em SLP e desses menos ainda os que fizeram o percurso até o Rio Grande do Sul, eles faziam parte de uma classe de trabalhadores importantes no contexto brasileiro desde o século XVIII, compartilhando com outros tropeiros do Sul do país, de curtas ou longas distâncias, quase a mesma configuração para culinária, vestimenta, costumes, hábitos, linguajar e espaços de sociabilidade, além de possuírem volumes importantes de capitais dentro de seus espaços de convívio, em suma, apresentavam uma homogeneidade relativa do *habitus*, com “sistemas de disposições semelhantes” (Bourdieu, 1983, p. 66). Além dos tropeiros, eram muitos os que se ocupavam no trabalho com animais, quase sempre transporte e força motriz para as atividades da agricultura e que de certa forma se aproximavam do gaúcho idealizado pelo movimento Porto Alegrense, a própria palavra “gaúcho” já aparecia fora do estado do RS, sendo comum indicar homem valente, tropeiro ou não, além disso, como já falamos anteriormente a atividade do tropeirismo estava em um momento de finalização, e quando seus atores percebem que vai desaparecer, adotam e encontram outras formas de preservação. O fim do tropeirismo teria um impacto no reconhecimento de uma profissão respeitada e tenderia a diminuir a importância dos atores envolvidos, sendo assim, se cria o CTG, como ato motivado, e os desdobramentos que se ligam a ele, principalmente o crescimento da festa de rodeio, fazem esses atores se elevarem no plano político e empresarial local, ocasionando além da manutenção o aumento dos capitais que a atividade de tropeiro e criador de gado lhes dava.

Além disso, os tropeiros, condutores e criadores de gado, se identificavam com o que o movimento porto alegrense resgatava, e viam nesse movimento o tropeirismo sendo representado. Para os demais moradores, mesmo não tão ameaçados quanto os tropeiros, era fácil se identificarem com os valores resgatados e idealizados pelo gauchismo, pois se tratando de uma comunidade rural, a identificação com o passado rural idealizado pelo movimento era algo bastante possível. Lembrando ainda que o tropeirismo não estava descolado das demais práticas, a condução de animais era algo comum aos lavradores, do ponto de vista prático ou do ponto de vista visual, já que a passagem de tropas foi algo marcante no local, e por outro lado, os tropeiros normalmente mantinham suas roças particulares, em resumo, o tropeirismo de alguma forma estava presente na vida da população em geral, fazendo com que os agentes “em condições semelhantes e submetidos a condicionamentos semelhantes” possuíssem “disposições e interesses semelhantes, logo” produzissem “práticas também semelhantes” (Bourdieu, 2004, p. 214).

Com isso a expressão do gauchismo na localidade acaba consistindo em “uma afirmação da existência, que é o mesmo que dizer, de recusa da morte” para usar a expressão de José Eduardo Jana (em Vasconcelos, 2001, p. 423).

5. Criação e consolidação inicial do gauchismo em SLP

O momento temporal era um palco de transformações não apenas no plano local, mas também global de mudanças. Esse momento consistia no avanço da globalização, avanços tecnológicos, expansão do estilo de vida moderno, somado a realidade local com o fim do tropeirismo, construção de rodovias interestaduais paralelas a localidade, maior presença de meios de transporte automotivos, criação do município de Balsa Nova (1961), primeira eleição municipal (1961). A partir disso havia a necessidade de se preservar o que era próprio da localidade e que de certa forma se representava pelo conjunto das ocupações trabalhistas, tanto dos lavradores, quanto dos tropeiros.

A forma mais eficaz seria a instituição das tradições, frente às novas tecnologias e aos avanços até então desconhecidos.

Quando então um agente com posse efetiva de capitais, decide criar um Centro de Tradições Gaúchas, e sendo ajudado por outros membros da comunidade, o que nos remete as praticas vicinais de auxilio, se encontra o embrião de uma preservação a um estilo de vida. Com isso não queremos dizer que não ocorra uma prática excludente, segundo Giddens “a tradição sempre discrimina entre o “iniciado” e o “outro”, porque a participação no ritual e a aceitação da verdade formular são condições para sua existência. O “outro” é todo e qualquer um que esteja de fora.” (1997, p. 100), e quando institucionalizada, exerce uma pressão emocional sobre os indivíduos, fazendo com que a vida do individuo passe a ser moldada por essa pressão. No entanto o êxito da cultura gaúcha, em representar o cotidiano da vida em comunidade teve enorme eficácia inicial – mais tarde potencializada pelo reconhecimento externo – porque não se trata apenas da importação de uma tradição exógena, mas no plano imaginário representa a confirmação do próprio estilo de vida da comunidade. No caso de SLP poderíamos afirmar que o estilo de vida que o movimento gaúcho buscava resgatar estava mais presente em SLP do que em Porto Alegre, não que isso seja muito relevante, mas coopera para perceber a tremenda eficiência de uma tradição institucionalizada representar um local e aglutinar os habitantes.

Em um primeiro momento, esse gaúcho vai ser uma nova versão do tropeiro, combinada com as demais trajetórias locais, ou seja, inicialmente não há um descolamento entre tropeirismo e gauchismo, quem cria o gauchismo são tropeiros que deixaram essa atividade pela inviabilidade que a modernidade trazia ao exercício da profissão.

Por outro lado, quanto mais o gauchismo se consolidava, menos visível ficava a figura do tropeiro, agora acoplado ao gauchismo. Esse progressivo afastamento da identidade tropeira não é difícil de entender já que o gauchismo quando criado em Porto Alegre, não tratava do resgate só do tropeiro, mas sim de um gaúcho primitivo, que tanto poderia ser o índio empregado nas estâncias, o ladrão de gado selvagem, o tropeiro ou o lavrador e não devemos ignorar a carga subjetiva que carregava desde o século XVIII da figura que habitava os pampas não só do Brasil, mas também do Uruguai e da Argentina e frequentemente aparece na literatura dos viajantes, ora positivamente, ora negativamente.

Mesmo que aparentemente essa aceitação seja apenas uma reformulação a partir dos elementos locais da cultura gaúcha porto alegre em SLP, ela vai ser um empecilho para alguns moradores, principalmente os recém-chegados, em sentirem-se pertencentes a localidade, delineando assim, um limite entre adeptos do gauchismo o “nós” e os não adeptos, o “eles”. No entanto essa relação que pode ser caracterizada como estabelecidos e outsiders para usar a expressão de Norbert Elias e John Scotson (2000), vai ser facilmente superada pela adoção das práticas do gauchismo.

6. Porosidade e limites entre o “nós” e o “eles”

Mesmo que o gauchismo rio grandense já tenha sido vinculado a práticas separatistas e com pretenso grau de solidez, na realidade se apresenta de forma bastante porosa, para Sandra Jathay

Pesavento “a representação da sociedade gaúcha legitima-se e socializa-se, penetrando não apenas em camadas sociais distintas, mas em diversos contextos culturais” (1993, p. 392).

Tanto a pretensa solidez quanto porosidade são vistas mesmo na fala dos agentes, como Barbosa Lessa, um dos fundadores do gauchismo

Mas em Porto Alegre eu e quantos outros não tínhamos um complexo de inferioridade por não ter a Coca-Cola, por não ter chegado ainda em Porto Alegre a Coca-Cola, que era terrível, por que a revista que nossos pais ou tios liam era a Seleções ou a Cruzeiro, mas principalmente a seleções, quando vinha aqueles anúncios coloridos de gente bonita, jovem, feliz tomando Coca-Cola e nós não tínhamos, não havia chegado ainda, nós não tínhamos atingido ainda aquele nível de progresso. Então, quando chegou a Coca-Cola, eu tomei pela primeira vez no café Roxy, na rua da Praia, eu achei a maior porcária do mundo e fiz um esforço para ir até o fim por que eu não queria me entregar, dizer que aquilo não era ruim. Mas depois, dali uns dias, mas que diabo, eu não vou tomar Coca-Cola, eu não gostei mesmo, porque eu vou tomar? (em Maciel, 1999, p. 10)

A solidez aqui se apresenta frente a um elemento estrangeiro, poderíamos somar a isso, vários documentos oficiais do tradicionalismo que remetem a uma proteção contra o elemento estrangeiro, segundo Sandra Jathay Pesavento essa perspectiva é antiga e

Trata-se, sem dúvida, de uma forma de representação conservadora, admitindo-se a existência de uma sociedade sem conflitos, de base agrária. Tal postura envolve a projeção no tempo de uma utopia reacionária: a de que o Rio Grande do Sul, através dos anos, se cristalizaria numa placidez democrática, assentado em seus valores tradicionais, nutrindo-se das glórias e tutelado por uma elite "naturalmente" superior. Os conflitos são projetados para o exterior, numa luta simbólica contra o "estrangeiro", continuamente reatualizado através dos tempos e que reforça a identidade regional. (Pesavento, 1993, p. 391)

Segundo Terry Eagleton “as culturas “funcionam” exatamente porque são porosas” (2005, p. 139), em casos como o gauchismo a pretensa solidez e a porosidade se misturam. Em determinada passagem de um livro de Barbosa Lessa podemos perceber a confirmação da aderência como forma de incentivo a aderência

Essa gurizada porto-alegrense, para a qual a sociedade burguesa olhava de soslaio temendo o pior, teve a grata satisfação de descobrir que, nas penhas e acampamentos tradicionalistas, não havia conflito de gerações e que podiam sentar-se na roda de chimarrão sem que ninguém lhes pedisse carteira de identidade e atestado ideológico (Lessa, 1985, p. 108).

Toda essa construção do gauchismo porto alegrense, acaba por criar um nível de estigmatização facilmente superado, como já dizia o ditado popular “livre para fazer o que nós queremos”. Diferente de outras relações extremamente excludentes o gauchismo era facilmente aderido, não havia a necessidade de rupturas extremas podendo fazer parte dele pela aderência dos costumes, normalmente visuais, isso vai fazer com que o gauchismo de SLP se tratando de um arcabouço reformulado, ao mesmo tempo em que criava uma relação estabelecidos-*outsiders* permitia a superação dessa linha pelo agente externo.

Aos novos e velhos moradores era permitido se tornarem gaúchos aderindo às formas estéticas dos gaúchos, como a pilcha⁶, ou mostrar a aderência por práticas diárias lúdicas como doma, laço e

⁶ Indumentária gaúcha tradicional, composta entre outros elementos da bombacha, bota, chapéu e lenço.

diversões como a chamada “vaca parada”⁷, ou ainda, o simples encilhar o cavalo para algum deslocamento independente da finalidade.

7. Influencia do agente externo e outros fatores de consolidação do gauchismo em SLP

Além das atividades lúdicas presentes no cotidiano de crianças a pessoas mais velhas, podem ser somados o lazer adulto como os bailes gaúchos.

Afastada dos grandes centros e de vida noturna pouco movimentada, os bailes eram uma das formas de sociabilidade mais efetivas, aos quais participavam gaúchos ou não, e como espaço de convívio serviam – principalmente após a execução preponderante da musica gaúcha nos bailes – para fortalecer os traços do gauchismo na localidade e indiretamente aqueles traços julgados pertencentes a cultura local que vinham sendo ameaçados pela diversificação laboral.

Posteriormente o crescimento dos rodeios, sentido a cada ano, vai fortalecendo esse contorno cultural e fazendo com que os velhos e novos moradores se consolidem no tradicionalismo gaúcho.

Para termos noção do impacto do agente externo na formação da identidade gaúcha em SLP, devemos perceber como a festa de rodeio se efetuava quantitativamente e qualitativamente. Em 1984 o numero de visitantes na festa segundo o jornal Gazeta do Povo era de 30 mil pessoas⁸, enquanto a comunidade, contava com menos de mil habitantes. Nos dizeres de um tropeiro que acompanhou todos os rodeios de SLP

começou o rodeio e já foi indo, o segundo rodeio já teve bastante gente, o terceiro já tinha mangueira tudo de tábua, enchia que tinha que olhar por baixo dos outros pra ver laçar (F.M., comunicação pessoal, janeiro, 2013)

A eficácia em atrair visitantes de outras cidades para uma comunidade com menor densidade populacional, potencializava o impacto da identificação e aceitação do reconhecimento, principalmente porque os visitantes dos primeiros rodeios se identificavam com a cultura gaúcha, aliás, eram quase sempre membros de algum CTG, dos muitos espalhados pelo Brasil e ao atribuírem ao habitante local a mesma identidade que se reconheciam, propiciava um movimento duplo para o fortalecimento do gauchismo na comunidade, primeiro deixava mais forte o traço de um contorno cultural e segundo fazia com que o habitante de SLP se sentisse gaúcho, considerando *La douceur d'être inclu*⁹ (Bauman, 2012, p. 37)¹⁰.

⁷ Que consiste em laçar uma elementar maquete que representa uma vaca.

⁸ Posteriormente esse número cresce ainda mais, mas por outro lado aumenta a heterogeneidade dos visitantes, se até a década de 80 os visitantes, pertenciam aos diversos CTGs, ou eram de algum forma simpatizantes do gauchismo, ou ainda, eram interioranos vindos das cidades vizinhas, a partir da segunda metade da década de 1980, com um plano de marketing mais efetivo, aumenta consideravelmente a frequência do que alguns chamariam de outras tribos, se nos primeiros rodeios havia um desejo de assistir as competições (laço, montaria, tambor, etc) posteriormente outros locais como os bares e o parque de diversões passam a competir com essas atrações.

⁹ Michel Morineau citado por Zigmunt Bauman (2012, p. 37)

¹⁰ Nesse sentido é importante a citação de Maciel (1999, p. 15) “Os participantes procuram reconstituir determinados usos e costumes ditos “tradicionais” e assim, “viver o gaúcho” - vive-se *um outro* e vive-se *em um outro*. E é daí que advém a força do movimento: seja a quem for o gauchismo oferece uma possibilidade de vivenciar uma figura altamente prestigiada e positiva (e onde cada um pode viver o *seu gaúcho*, tal como o imagina), fornece um patrimônio cultural e o inscreve numa história coletiva, mobilizando, assim, expectativas e sentimentos, dentre os quais o de *pertencer* a um coletivo”.

8. Considerações Finais

Para Terry Eagleton todas as localidades “são porosas e sem margens definidas” (2005, p. 74). São espaços flexíveis, dinâmicos, mutáveis, espaço de coexistências, onde modernidade e tradição não são necessariamente excludentes.

Em SLP o gauchismo vai ser por um lado um conjunto de tradições que permite a construção coletiva de uma identidade cultural, capaz de aglutinar em torno dela um conjunto de identidades locais. Trazido de Porto Alegre (RS) para SLP (PR) o gauchismo quando instalado é reformulado e ressignificado, reforçando identidades locais e aglutinando atores locais em torno dessas tradições. Por outro lado também é construída de conflitos e disputas, enquanto criado por atores detentores de maiores volumes de capitais, que a partir de suas ações principalmente os eventos festivos, permitem que os demais atores sejam identificados nessas tradições, principalmente pelos atores externos, fazendo com que assumam essa identidade a partir de relações de pertencimento e não pertencimento, ou que mesmo quando não assumem sejam identificados no estereótipo do gaúcho.

Posteriormente no seguimento do trabalho de dissertação veremos como essa identidade cultural, o gauchismo, vai ser apropriada dentro do rural moderno pela indústria do turismo e como isso é refletido nos espaços de convívio e sociabilidade dos atores locais.

Termino com a oportuna citação do antropólogo português José Vasconcelos

O principal problema teórico deriva do postulado contemporâneo de que a “autenticidade” — tal como a “tradição”, a “memória” ou a “identidade” — não é um substantivo, mas um verbo que se conjuga diferentemente em diferentes condições históricas e em função de diferentes posições sócio-políticas. Não há objetos nem práticas, não há espaços nem tempos “autênticos”; há coisas que são “autenticadas” por sujeitos concretos em contextos históricos definidos. *À antropologia e à sociologia de hoje interessam pouco as “tradições” ou as “identidades” em si. Interessam muito os processos sociais ou as lógicas culturais que conduzem à tradicionalização, à identificação, à autenticação e à comemoração — e, já agora, aos seus reversos, como a diferenciação e o esquecimento.* (Vasconcelos, 2001, p. 429 grifo nosso).

9. Referencias

- Bourdieu, P. (1983). Esboço de uma teoria da prática. In: R. Ortiz (Org.), *Pierre Bourdieu: sociologia* (pp. 46-81). São Paulo: Ática.
- Bourdieu, P. (2004). *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense.
- Bourdieu, P. (2008). *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus.
- Bauman, Z. (2012). *Ensaio sobre o conceito de cultura*. Rio de Janeiro: Zahar (ePub).
- Eagleton, T. (2005). *A idéia de cultura*. São Paulo: Editora Unesp.
- Elias, N. & Scotson, J. (2000). *Estabelecidos e Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Rio de Janeiro: Zahar. (ePub).
- Giddens, A. (1997). A vida em uma sociedade pós-tradicional. In U. Beck, A. Giddens & S. Lash, *Modernização Reflexiva* (pp73-135). São Paulo: Editora da UNESP.
- Hobsbawm, E. & Ranger, T. (2012). *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Kopp, R. (2001). Genoma gaúcho. *Revista Famecos*, v. 1 (n 14), 110-118.
- Lessa, L. C. B. (1985). *Nativismo*. Porto Alegre: L&PM.
- Luvizotto, C. K. (2010). *As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia*. São Paulo: Cultura acadêmica.

- Maciel, M. E. (1999). *A memória tradicionalista: os fundadores*. In *XXIII encontro Anual do Anpocs* (p. 1-23). Caxambu, Brasil: Anpocs.
- Pesavento, S. J. (1993). A Invenção da Sociedade Gaúcha. *Ensaio FEE*, 14 (2). 390-396.
- Rocha, B. N. (2006). “*Em qualquer chão: sempre gaúcho!*” *A multiterritorialidade do migrante gaúcho no Mato Grosso*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Brasil.
- Saraiva, G. (1968). *Manual do Tradicionalista*. Porto Alegre: Livraria Sulina Editora.
- Vasconcelos, J. (2001). Estéticas e Políticas do Folclore. *Análise social*, 36 (158-159), 399-433.
- Westphalen, C. M. (1995). *O Barão dos Campos Gerais e o comércio de tropas*. Curitiba: CD editora.